

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
dição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alexsandro Teixeira Ribeiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C741 Comunicação, política e atores coletivos [recurso eletrônico] / Organizador Alexsandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-365-1

DOI 10.22533/at.ed.651201709

1. Comunicação. 2. Política e governo. I. Ribeiro, Alexsandro Teixeira.

CDD 302.24

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação, Política e Atores Coletivos” reúne uma série de contribuições científicas que aprofundam o debate sobre temas de convergência entre as áreas da comunicação, como jornalismo, publicidade e relações públicas, em diálogo com outras áreas do conhecimento, como psicologia, sociologia, ciência política e marketing. De cunho interdisciplinar, a obra tem por objetivo apresentar o resultado de pesquisas realizadas em todo o país, consolidando um quadro de cooperações científicas que destaca a excelência nacional na produção de conhecimento. O resultado deste esforço, é uma organização que problematiza assuntos atuais e de relevância pública, como crise econômica, representatividade, gêneros, combate ao feminicídio e movimentos sociais.

De fato, em uma sociedade imersa na comunicação, em que a realidade é socialmente construída a partir das tecnologias da informação, o papel dos meios na representatividade e visibilidade social de um fato é de extrema centralidade. Com isso, a comunicação torna-se a arena para debates que renovarão a esfera pública e promover a integração da sociedade, sobretudo no que diz respeito às comunidades em vulnerabilidade, as identidades que clamam por reconhecimento e os movimentos sociais. Este é o palco que se torna predominante entre as contribuições científicas nesta obra reunida e publicada pela Atena Editora.

Aqui, em um primeiro bloco de artigos, nos aprofundamos na análise dos meios de comunicação ora como promotores de empoderamento, ora como espaço de exclusão. Nesta dicotomia, observamos os discursos e comportamentos da mídia frente ao feminismo, à representatividade da comunidade LGBTI, e à participação das mulheres nos espaços de poder. E não se encerra aí. Ainda observamos nos demais artigos e esforços acadêmicos, que dão conta da amplitude da obra e da qualidade da formação superior nacional, temas como luta pela terra, políticas públicas, a história recente brasileira na luta pela democracia, a violência urbana, crise econômica e o papel da mídia e do Estado em áreas de invisibilidade social. O rigor metodológico e as contribuições interdisciplinares faz da coleção “Comunicação, Política e Atores Coletivos” uma obra que contribui para o campo científico nacional.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESTADÃO: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM REPORTAGENS VEICULADAS NOS ANOS DE 1985 E 2015	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.6512017091	
CAPÍTULO 2	14
LIP SYNC FOR YOUR LIFE: UMA DISCUSSÃO JORNALÍSTICA SOBRE DRAG QUEENS	
Talita Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6512017092	
CAPÍTULO 3	26
MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO - REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO CIVIL FEMININA NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018	
Raquel Lobão Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.6512017093	
CAPÍTULO 4	40
MÍDIAS DIGITAIS, CUIDADO E AUTOCUIDADO NO MOVIMENTO FEMINISTA COMO ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO	
Cosette Castro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017094	
CAPÍTULO 5	53
A MULHER NA FOLHA BANCÁRIA: UM RECORTE DE GÊNERO NA IMPRENSA SINDICAL	
Alexsandro Teixeira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017095	
CAPÍTULO 6	65
AS RECATADAS: AS MULHERES ENQUANTO PAUTA E PROTAGONISTAS NO RÁDIO	
Sofia Soares Dietmann Leslie Sedrez Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.6512017096	
CAPÍTULO 7	75
O CORPO NOS ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS: DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCOMUNICAÇÃO	
Ricardo Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.6512017097	

CAPÍTULO 8	85
CÂNCER DE MAMA: CORPO, POLÍTICA E A FOTOGRAFIA HUMANISTA DE KATHARINA MOURATIDI	
Mônica Torres	
DOI 10.22533/at.ed.6512017098	
CAPÍTULO 9	101
O PAPEL DO JORNALISMO NO CONTROLE DEMOCRÁTICO E NA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	
Juciméri Isolda Silveira	
Manuella Niclewicz	
DOI 10.22533/at.ed.6512017099	
CAPÍTULO 10	110
CONTROLE, REPRESSÃO E VIGILÂNCIA SOB O OLHAR INFANTIL EM <i>O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS</i>	
Gisele Gutstein Guttschow	
Juliana de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.65120170910	
CAPÍTULO 11	124
DO TRABALHO PRECÁRIO À ORGANIZAÇÃO MILITANTE: FORMAS DE ATUAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST)	
Renan Dias Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65120170911	
CAPÍTULO 12	140
A CIDADE DO MEDO: A CRISE POLÍTICO-ECONÔMICA E SEUS EFEITOS SOBRE A MARCA RIO	
Patricia Cerqueira Reis	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170912	
CAPÍTULO 13	154
A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932: UMA ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA ACERCA DO FATO HISTÓRICO	
Carlos Eduardo Klingelfus Grasso	
Guilherme Barros Nascimento	
Israel Filipe Santos Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.65120170913	
CAPÍTULO 14	170
BANDIDOS NA TV: A MORTE PELA AUDIÊNCIA	
Marcela Rochetti Arcoverde	
DOI 10.22533/at.ed.65120170914	

CAPÍTULO 15	181
O JORNALISMO NA ERA DO ENTRETENIMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE INFOTENIMENTO	
Paula Miranda	
Leonel Azevedo de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.65120170915	
CAPÍTULO 16	194
GUTEMBERG: A ERA DA IMPRENSA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.65120170916	
CAPÍTULO 17	202
INSTRUMENTOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR INFORMAIS: UMA ANÁLISE DOS CONSELHOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB	
Jacynara Farias de Souza Marques	
Rafaela Azevedo dos Santos Felix	
DOI 10.22533/at.ed.65120170917	
CAPÍTULO 18	221
INTERVENÇÃO FEDERAL NO RIO DE JANEIRO (2018): ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS MUDIÁTICAS UTILIZADAS PELO <i>JORNAL NACIONAL</i> E DA SUA RESPONSABILIDADE NA MUDIATIZAÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DA VIOLÊNCIA NO ESTADO	
Tamiris Artico	
Carla Montuori Fernandes	
Maria Goreti Lopes Artico	
DOI 10.22533/at.ed.65120170918	
CAPÍTULO 19	244
NEUROMARKETING APLICADO SOBRE GRANDES MASSAS	
Adelcio Machado dos Santos	
Alexandre Carvalho Acosta	
Evandro Henrique Cavalheri	
DOI 10.22533/at.ed.65120170919	
CAPÍTULO 20	252
O BRASIL NAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS QUE CIRCULAM NO IMAGINÁRIO ESTRANGEIRO, PRODUÇÃO, CONSUMO E PODER	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.65120170920	
CAPÍTULO 21	265
O CELEIRO VAZIO: A DECISÃO DE PUBLICITÁRIOS DE DEIXAR AS AGÊNCIAS CARIOCAS	
Roberto Sá Filho	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170921	

CAPÍTULO 22	282
A FOTOGRAFIA EM RELAÇÕES PÚBLICAS	
Ana Domitila Rosa Lemos Silva	
Gardene Leão	
DOI 10.22533/at.ed.65120170922	
CAPÍTULO 23	295
PSICOLOGIA AMBIENTAL: UM DIÁLOGO COM ARQUITETURA E DIREITO	
João Ernesto Pessutto	
Marco Aurelio Prette Charaf Bdine	
Nelson Finotti Silva	
Carlos Florido Migliori	
Paula de Oliveira Santos Miyazaki	
Neide Aparecida Micelli Domingos	
Leda Maria Branco	
Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki	
DOI 10.22533/at.ed.65120170923	
CAPÍTULO 24	308
UM TOM REDENTOR PARA O DISCURSO PUBLICITÁRIO DIANTE DA CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA	
Lívia Valença da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.65120170924	
CAPÍTULO 25	322
DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS: APLICAÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL	
Tháís Sanches Silva	
Eliana Melcher Martins	
DOI 10.22533/at.ed.65120170925	
SOBRE O ORGANIZADOR	333
ÍNDICE REMISSIVO	334

LIP SYNC FOR YOUR LIFE: UMA DISCUSSÃO JORNALÍSTICA SOBRE DRAG QUEENS

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 02/06/2020

Talita Santos

Centro Universitário Internacional – UNINTER
Curitiba – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/7546836200165135>

RESUMO: O presente artigo aborda questões a respeito do universo das *drags queens*, esta forma de expressão artística que frequentemente tem aparecido nos variados meios de comunicação. A sua popularidade, muitas vezes, é motivo de curiosidade e desorientação por parte do público. Em observação a isso, surgiu a necessidade de analisar mais a fundo sobre o *drag* e ir além, mostrar a rotina das artistas, contar suas histórias e apresentar de forma correta como se desdobram as suas apresentações. Ao mesmo tempo que ocorre esta análise, também iremos visualizar a respeito de como o jornalismo e os meios de comunicação, se portam perante a ascensão dessa nova prática artística.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cultura; drag; expressão artística; jornalismo.

LIP SYNC FOR YOUR LIFE: A JOURNALISTIC DISCUSSION ABOUT DRAG QUEENS

ABSTRACT: This article addresses questions about the world of drag queens, this form of artistic expression that has frequently appeared in

various medias. Its popularity is often a reason for public curiosity and disorientation. In observation of this, arose the need to analyze more deeply about drag and go further, show the routine of the artists, tell their stories and present in a correct way how their presentations unfold. At the same time that this analysis takes place, we will also see how journalism and the media behave in the face of the rise of this new artistic practice.

KEYWORDS: communication; culture; drag; artistic expression; journalism.

1 | INTRODUÇÃO

A liberdade, como um direito, é uma aspiração que reside como busca permanente no coração das pessoas. A maneira como este direito foi exercitado na história atual e passada está diretamente relacionada com as conquistas da cidadania, conceito este intrinsecamente ligado ao conceito de liberdade. Dentre as lutas históricas do ser humano por liberdade desenvolveremos, neste trabalho, o que vem a ser o seu tema central: a liberdade artística e o papel da mídia quanto ao seu dever de informar.

Determinadas expressões artísticas, como artes plásticas, literária e musical, gozam de ampla liberdade, não estando sujeitas a qualquer restrição por parte do estado. Contudo, algumas expressões artísticas que tangenciam temas tais como gênero e sexualidade passam por certas formas de controle estatal, social e da própria mídia. Os comportamentos artísticos de atrizes e atores *drag queens* fazem parte deste

contexto. As questões relacionadas a gênero e sexualidade costumam trazer uma série de polêmicas, como podemos observar frequentemente nos noticiários. A filósofa norte-americana Judith Butler (2008), no seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, propõe uma reformulação na noção de construção no que diz respeito às relações de gênero. Segundo ela, o gênero não é uma categoria fixa, uma essência, mas uma categoria fluida, demonstrada naquilo que as pessoas fazem, e não no que elas são. Para Butler, o gênero é uma construção social que se realiza culturalmente e o sexo está na natureza, como a característica física que dividem homens e mulheres.

Essa distinção sexo/gênero já tinha sido defendida em 1949 por Simone de Beauvoir (2004), para quem uma série de significados culturais são inscritos sobre um corpo sexuado, daí sua afirmação que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher. Para Leticia Lanz, “transgêneros são mulheres e homens com identidade de gênero em discordância com o sexo da certidão de nascimento, escolhido pela aparência dos genitais externos”. (LANZ, 2014, p. 27).

A chamada cultura tradicional dominante, vez ou outra depara-se com movimentos de contracultura, expressões artísticas tidas como marginais que entram em conflito ou confronto com aqueles que reivindicam a superioridade dos valores morais que os representa. Manifestações culturais marginais resistem ao negar a padronização de qualquer forma de arte e confirma o direito de ser diferente. A abordagem que este trabalho traz, evidencia que os movimentos culturais alternativos outrora estigmatizados possuem, hoje, maior aceitação quanto mais contestadores e provocadores possam ser.

Entretanto, mesmo nos tempos atuais que permitem uma maior liberdade de expressão nas mídias tradicionais como a televisão, ainda são frequentes as censuras invisíveis. Estas impõem restrições aos programas de tv e outras mídias, mas de maneira manipulada e oculta. Podem ser censuras econômicas, através da retirada de suporte dos anunciantes que pagam pela publicidade, pelo Estado que garante ou não a condição de veiculação do programa, ou ainda a censura política e também a autocensura.

É verdade que há intervenções políticas, um controle político[...] é verdade também que[...] a propensão ao conformismo político é maior. As pessoas se conformam por uma forma consciente ou inconsciente de autocensura, sem que haja necessidade de chamar sua atenção. (BOURDIEU, 1997, p. 19).

Mas, como dito acima, atuações artísticas antes marginalizadas vêm crescendo em aceitação em outras mídias, como a internet, por exemplo, e um dos quesitos que poderiam ter contribuído para a aceitação do público para com as *drags* é o próprio estilo musical, o pop. Um exemplo disto é a opinião dos autores Monteiro & Soares (2013), que falam em seu trabalho sobre uma homenagem que várias *drags* fizeram para a cantora Madonna durante uma premiação na MTV americana. As *drags* realizaram um verdadeiro desfile usando trajes que marcaram a carreira musical da cantora, como o vestido utilizado no vídeo Material Girl e vários outros.

Esse desfile do conjunto da obra imagética de Madonna ajuda a entender que “as imagens criadas por Madonna e sua recepção esclarecem o caráter de construto social da identidade, da moda e da sexualidade” (KELLNER, 2001, p.335), e também desconstruem os paradigmas instalados pela sociedade conservadora, já que quem estava vestindo as roupas não eram mulheres, mas homens que subverteram a “ordem natural das coisas” e se apertaram dentro de vestidos e sapatos de salto para homenagear uma artista que admiram. (MONTEIRO & SOARES, 2013, p. 6).

Além da música, a plataforma online YouTube auxiliou na divulgação da *drag*. Alguns dos canais mais conhecidos são os das *drag queens* Rebecca Foxx, que possui cerca de 60.233 inscritos no canal; Penelopy Jean com 59.329 inscritos; Sarah Vika, que contém 17.618 inscritos; Halessia Rockefeller, com 7.500 inscritos e La Belle Drag, com 6.708 inscritos no YouTube. Nestes canais, os assuntos mais abordados são exposições do dia-dia das artistas, dicas de maquiagem, performances que desempenham, alguns temas relacionados à comunidade LGBT (atualmente a sigla correta é LGBTQIAP+) e cultura pop, mas as principais características dos vídeos, de uma forma geral, seguem o padrão dos tutoriais de maquiagem. Outro padrão também observado nos canais que falam sobre *drag* é a duração dos programas, no geral, possuem um tempo de sete a quinze minutos, podendo exceder ainda mais este tempo.

O mundo *drag* traz temas carregados de teor social e, por ser uma arte emancipada dos padrões sociais definidos como corretos, é revolucionária dos costumes. Portanto, é necessário verificar como esses impactos são percebidos pelo jornalismo. É importante social e politicamente que o jornalismo se interesse por este movimento artístico pois, além de suas contribuições na música, no teatro, na moda, nas gírias e na estética como um todo, também luta por uma forma de representatividade. A arte *drag* é, sem dúvida, um movimento não só artístico, mas político, na medida em que favorece a autonomia artística, a democracia e a inclusão.

2 | DRAG QUEEN

A *drag* é frequentemente confundida com outros termos como a “travesti” e o “transformista”, por exemplo. As *drag queens* são representações exageradas do feminino, elas performam utilizando vestimentas e maquiagens bem expressivas e geralmente podem ser vistas em apresentações em eventos. “Dragqueens também se vestem como mulher apenas em eventos rituais, mas essa mulher é caricatural e, muitas vezes, deixam escapar, propositadamente, traços masculinos na sua “montagem”. (JAYME, 2002). As travestis fazem uma transição com próteses nos seios mas não fazem a cirurgia de mudança de sexo. “[...] São aqueles que fazem uma intervenção “radical” no corpo, com hormônios ou silicones e possuem esse corpo feminino todo o tempo. Não há reversão”. (JAYME, 2002). E os artistas transformistas se vestem de mulher em eventos também, porém há um esforço para parecer completamente feminino. “Transformistas se vestem como mulher

apenas em ocasiões ritualísticas - shows, festas etc. Mas constroem uma mulher perfeita. Se chamam também de “finas”. (JAYME, 2002).

2.1 História Drag

A história situa a origem do que viria a ser uma performance *drag* possivelmente na Grécia antiga, no tempo dos performáticos teatros gregos. O poder feminino tinha entrado em declínio frente a ascensão e consolidação do patriarcado. Assim, tendo o homem todo o poder na sociedade, não só sobre as mulheres, as peças eram apenas interpretadas por estes mesmos que, muitas vezes, trajavam roupas femininas para realizar papéis que seriam personagens de mulher. Mas tarde, na Idade Média, a religião católica vem atribuir-lhe, também, papéis, cujo desempenho jamais poderia ser pelas mulheres:

[...] as drags se apresentaram em duas frentes: manifestações em rituais pagãos e personagens trágicos na Grécia. As drags também participavam das peças promovidas pela Igreja Católica, que não tinham muito espaço para as personagens femininas, sendo assim possível que homens pudessem se montar para interpretar essas poucas personagens [...]. (BAKER, 1995 apud SANTOS, 2017, p.7).

Segundo Maria Nazareth A. de Barros, a humanidade, através dos séculos sempre enunciou seu fascínio pelo universo feminino e “sempre vislumbrou na mulher, o que natureza lhe havia negado e, no seu imaginário sempre se manteve cativo das provocações femininas”. (2004, p. 64). Em seu livro, Barros destaca que os elementos que compõem a essência da mulher nunca deixaram de povoar o imaginário popular do homem. Ao longo do tempo sempre houve o desejo por parte de certos homens (héteros ou não) de se vestirem como mulher. O contrário também existe, só que bem mais raro.

Da mesma forma, não há e não deve haver um consenso sobre o termo *Drag Queen*. No seu levantamento histórico, Baker (1995, apud SANTOS, 2017), diz que o termo foi criado e utilizado nas apresentações de peças de teatro de Willian Shakespeare. Significa “*Dressed Like a Girl*”, ou, vestido como uma garota, em português. A expressão era utilizada para se referir quando o personagem masculino fazia um papel feminino. Atualmente, a definição de *drag queen* é mais ampla. Ela remete à “uma forma de externalizar o que o indivíduo tem dentro de si de forma artística por meio de um personagem criado”. (SANTOS, 2017, p. 7).

Apesar dos cerceamentos à sua arte, as *drags*, hoje, de uma certa forma, conseguem produzir e exibir seus shows e manifestar sua expressão artística. No Brasil, entretanto, na época da ditadura militar, época de recrudescimento do conservadorismo, os artistas tiveram também que desempenhar um papel político de resistência à censura e denunciando a existência de códigos morais estigmatizantes. Considerados como aqueles que atentam contra a moral e os bons costumes da família tradicional brasileira, as *drags*, as travestis, enfim, a comunidade LGBT (que na época não se representavam por esta sigla)

em geral, foram as principais vítimas deste período de extrema censura e impossibilidade de expressão. Quando foi fundado o AI-5, um decreto criado pelo regime militar, o público gay foi altamente perseguido por acreditar-se que seriam os responsáveis por desvirtuar os “cidadãos de bem”.

Não é exagerado afirmar que o AI-5 foi um dos instrumentos legais perpetrados pela Ditadura Militar para conter o que eles consideravam como ‘inimigos da moral e dos bons costumes’, inclusive as travestis. Desta maneira, os principais alvos da censura foram, além da imprensa, as atividades artísticas como o “teatro, o cinema, a tv, o circo, os bailes musicais [e] as apresentações de cantores em casas noturnas” (LOPES, 2016, p. 7).

Nos anos 80, final da ditadura, as pessoas ainda sentiam insegurança devido ao passado recente de censura no país e, portanto, se autocensuravam para agir de forma determinada e que não as fizesse sofrer represálias da sociedade.

Um grupo chamado “Frente de Libertação Gay” lançou o jornal Come Out e elegeu a data de 28 de junho como o Dia Internacional do Orgulho Gay, iniciando assim a realização das Paradas do Orgulho Gay [...] No Brasil, esses movimentos começaram a se organizar mais tarde, em meados dos anos 80 e mesmo assim de maneira incipiente por conta da influência que a ditadura militar teve na nossa cultura por duas décadas e à expansão de expressões religiosas contrárias à homossexualidade. (CRETAZ, 2014, p. 3).

Entre vários sinais de resistência durante o tempo de repressão, destacam-se a revista *Lampião da Esquina* - um veículo muito importante para a representatividade LGBT, publicada entre 1978 e 1981 - e o grupo *Dzi Croquettes*, este último desempenhou um peso importante para a cultura teatral e dançante do país. O grupo foi criado em 1972, composto apenas de homens que dançavam e cantavam, usando roupas extravagantemente femininas e muita maquiagem carregada, foi precursor com maior projeção da arte *drag* no Brasil. Pode-se empregar também, na abordagem deste grupo, as noções de jogo e de lúdico do sociólogo alemão Johan Huizinga, como um dos componentes conceituais para definir o lado cômico da expressão artística deste grupo.

Os *Dzi Croquettes* representaram como nenhum outro a ironia, o deboche e o lúdico em suas apresentações. Havia todo um jogo de palavras, de gírias que o grupo criou e que são usadas até hoje. Ao criar gírias, o grupo expressava todo um jogo de palavras que os definiam. Brincavam com esta faculdade de forjar papéis e de se comunicar. O lúdico, na verdade, está presente em toda a apresentação *drag*, em qualquer performance, seja ela “mitológica ou não, há um espírito fantasista que joga no extremo limite entre a brincadeira e a seriedade”. (HUIZINGA, 1999, p. 3).

2.2 Orientação sexual e a identidade de gênero

Apesar de o mundo *drag* estar muito ligado a comunidade LGBT, é preciso entender que nem todas as pessoas que fazem *drag* são gays. Isto porque a *drag* não deixa de ser

uma forma de arte independente da orientação sexual ou sexo biológico. A ideia do feminino está muito ligada ao mundo *drag*, tanto que quando alguém faz *drag*, de uma forma geral, subentende-se que aquela pessoa é gay, ou ainda que sente vontade de modificar o seu corpo para atingir características natureza femininas ou masculinas.

Porém, estas não são verdades absolutas.

A característica biológica, ou o sexo, é a principal determinante para classificar, no momento do nascimento da pessoa, o papel que exercerá na sociedade (quem nasce com pênis é homem, nasce com vagina é mulher). A partir disso, a pessoas nascidas com o sexo masculino ou feminino devem seguir características ou códigos sociais segundo padrões criados, inventados ou pré-estabelecidos no meio social (por exemplo, homem é racional, mulher é emocional).

O termo sexo', também conhecido como sexo biológico ou genital, refere-se essencialmente à genitália que cada indivíduo traz entre as pernas ao nascer [...] Gênero diz respeito às expectativas sociais de desempenho que cada ser humano deve atender tendo em vista o seu sexo genital. O gênero é uma construção social que varia intensamente de cultura para cultura e de época para época. (LANZ, 2014, p. 39).

Conforme é enraizado no contexto histórico da sociedade, o senso comum explica que o gênero é algo natural, ou seja, designado assim que a pessoa nasce, ao verificar o sexo do bebê. Porém, esta ideia é questionada por Butler, que afirma ser justamente o contrário e acaba resultando no que a autora chama de “processo de performatividade”, onde a pessoa se comporta da maneira como a fazer acredita que é o correto ser.

O comportamento “feminino”, por exemplo, não é determinado pelo fato de um indivíduo ter nascido fêmea', ou seja, com uma vagina, elemento corporal que o poder/saber toma como verdadeiro, natural e fundamental. O que ocorre é exatamente o contrário, ou seja, a existência de um comportamento feminino, socialmente sancionado é que determina a existência da fêmea como um “sexo” verdadeiro, natural e fundamental. (BUTLER, 1999 apud LANZ, 2014, p. 54-55).

Além disso, têm-se as questões voltadas a identidade de gênero, que não devem ser conceituadas como o sexo que nasce consigo, mas com a maneira como a pessoa identifica-se. E a orientação sexual, que é ainda mais distinta, refere-se diretamente ao sexo com o qual o indivíduo se relaciona. Por exemplo, um homem que sente atração/desejo por mulher, logo, é heterossexual. Ou, uma mulher que sente atração/desejo por mulher, é homossexual.

No momento em que o indivíduo recebe uma destas “nomenclaturas” (homem ou mulher), deverá se portar como tal (homem age como homem, e mulher como mulher). Porém, quando este indivíduo não se comporta da maneira que foi “classificado”, segundo seu sexo biológico, poderá sofrer severas represálias da própria sociedade.

Segundo Foucault (1988, p. 9), em seu livro História da Sexualidade, no início do

século XVII o sexo era tratado e falado de maneira muito mais simplista e aberta. Porém, com o tempo esta época foi deixando de lado esta característica e reservando o sexo apenas a intimidade dos casais corretamente casados e mesmo assim, apenas para fins de reprodução. Com isso, toda forma considerada diferente disto, estava passível de repreensão.

Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. Na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o “contra-a-natureza” era marcado por uma abominação particular. (FOUCAULT, 1988, p. 38-39).

Esta característica ainda pode ser encontrada nos dias atuais, uma pessoa que não segue os padrões sofre preconceitos dos demais que não aceitam alguém “diferente” no ciclo social. Isto entende-se como heteronormatividade, que é o ato de tentar enquadrar todos em um único modelo social em nome da coletividade. “Heteronormatividade é, pois, um dispositivo totalitário e hegemônico resultante da aplicação compulsória das normas binárias de conduta de gênero a todas as relações estabelecidas entre as pessoas na nossa sociedade”. (LANZ, 2014, p. 41).

No momento em que não acontece essa “padronização”, a comunidade LGBT sofre discriminações, segregações e é estigmatizada. Segundo Goffman (1981), o termo estigma foi criado pelos gregos e servia para marcar aqueles a quem julgavam perigosos ou impuros e que, portanto, deveriam ser “evitados”. Goffman afirma que existem três tipos de estigma: as abominações do corpo, culpas de caráter individual e os estigmas tribais de raça.

Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 1981, p. 7).

Erving Goffman (1981), afirma que o estigma é uma relação de desvalorização, na qual o indivíduo é desqualificado da aceitação social plena e, ainda, que os estigmas raramente se baseiam em entendimentos válidos. Eles partem de estereótipos ou percepções, que podem ser falsos ou apenas parcialmente corretos.

2.3 A arte drag na contemporaneidade

a arte *drag* tem aparecido com muita frequência nas mídias, principalmente nas redes de canais fechados que exibem programas como RuPaul’s Drag Race. Depois do êxito desta atração, principalmente na internet, a visibilidade da *drag* ficou cada vez mais evidente. “É inegável o sucesso que o programa vem conseguindo alcançar: é a atração mais assistida do canal LogoTv desde sua primeira temporada; suas participantes fazem turnês mundiais, inclusive pelo Brasil”. (BIONDO & ALBANESE, 2016, p. 2).

Cantoras como Lia Clark, Glória Groove e Pablo Vittar despontaram para o sucesso. Vittar, é uma das artistas *drags* mais influentes da atualidade, seu reconhecimento por parte do público tomou dimensões grandes e isto culminou em uma parceria com cantores internacionais como o grupo de música eletrônica americana, Major Lazer. Esta parceria resultou na música “Sua Cara”, que também contou com a colaboração da cantora Anitta, outro destaque na cena atual da música pop brasileira. O videoclipe da música foi o quarto vídeo mais visto na plataforma YouTube em um único dia, com mais de 20 milhões de visualizações em 24 horas. (JUNIOR, 2017).

Apesar da sua popularização atual, a *drag* também enfrenta muitos preconceitos e a falta de representatividade, principalmente na área jornalística. Nos programas de tv ou nas notícias de jornais, o mundo LGBT de uma maneira geral sofre constantemente com matérias em que são ridicularizadas ou inseridas de maneira cômica ou agressiva, isto quando aparecem.

Observa-se que as identidades LGBT surgem como particularmente desafiadoras dos modos de falar do jornalismo brasileiro, não apenas por se inscreverem de modo peculiar nos regimes de poder, de luz e sombra, voz e silêncio que constituem a vida social, como por sua diversidade interna. Qualquer abordagem às identidades LGBT tem como pano de fundo as tensões que envolvem, por exemplo, a necessidade de evitar a essencialização e/ou naturalização de realidades cristalizadas, seja a partir de uma concepção biologizante do sexo, seja de concepções de gênero como algo fixo, não cambiante. (LEAL & CARVALHO, 2012, p. 5-6).

A explicação da violência e da discriminação por que passam as *drag queens* está em que, mesmo não sendo, necessariamente, homossexuais, possuem elementos que as ligam ao universo LGBT. Contudo, não existe uma identidade sexual que caracteriza o perfil desses artistas. Podem ser mulheres ou homens heterossexuais ou não, que criam personagem independentes da sua condição sexual, com a finalidade de apresentar um show divertido e original porque a arte *drag* situa-se acima dessas definições, situa no campo da liberdade de expressão. É claro que esse aspecto da violência poderia, em parte, ser atenuado se os meios de comunicação exercessem a sua função social, educando e orientando as pessoas, pois atitudes hostis, de discriminação e de agressividade acontecem, parcialmente, pela ausência de espaços de informação e de denúncia nos meios de comunicação.

Ao veicular os altos números de pessoas LGBT que sofrem violência, incluindo as *drags*, a mídia poderia fazer, paralelamente, abrir espaço enfocando essa discussão. Ainda hoje, a pessoa que decide expressar sua homossexualidade sofre perante os demais. As violências constantes a que o mundo LGBT são expostos não são difíceis de se achar. Uma prova disto, é que quando se digita travesti, por exemplo, no Google ou na parte de busca de jornais online, a maioria das matérias são sobre a violência que alguma travesti sofreu.

Segundo dados do Relatório de Violência Homofóbica no Brasil, realizado em 2013 pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (MMIRDH), os números de violência contra este público impressionam. Além disso, também se percebe quais são os maus-tratos mais frequentes para com a comunidade LGBT.

Pode-se verificar que violências psicológicas foram as mais reportadas, com 40,1% do total, seguidas de discriminação, com 36,4%; e violências físicas, com 14,4%. Também há significativo percentual de negligências (3,6%). Outros tipos de violação correspondem a 5,5%. Esses dados confirmam os de 2012, quando as violações de cunho psicológico e discriminatório também tiveram as maiores porcentagens. Esses dados apontam de modo eloquente para as violências muitas vezes subnotificadas e certamente recorrentes às quais a população LGBT está sistematicamente submetida em seu cotidiano. (SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS, 2016, p. 23).

Apesar destes fatos, a *drag* continua popularizando-se e expandindo-se entre outros públicos. As *drag queens* realizadas por mulheres estão em alta no momento. É possível ver isto no documentário *They Can Do It*, onde mostra as histórias de mulheres que são admiradoras e praticantes da arte *drag*. As personagens dividem suas experiências e contam que foram inspiradas em filmes e principalmente pelo programa RuPaul's Drag Race. Elas relatam durante documentário principalmente sobre o preconceito que as mulheres enfrentam ao praticar o *drag*. Kelviane Lima, uma das produtoras do documentário, explica que o preconceito com o *drag* feminino ocorre porque esta arte surgiu com os homens que se vestiam e se expressavam com trejeitos femininos. Porém, a entrevistada relata também que é um erro dizer que *Dag* não pode ser realizado por uma mulher, pois esta arte não se refere apenas a feminilidade, mas também a uma forma livre de expressão. (CRUZ, 2017).

3 | O JORNALISMO E A SOCIEDADE

O surgimento do jornalismo foi um fato social de grande relevância e falar sobre ele é de primordial importância para o entendimento do processo de construção social por meio da produção midiática e que, na sua trajetória, passou por diversas transformações. O próprio estudo da gênese da imprensa é necessário, uma vez que pode oferecer explicações sobre o período em que a sociedade passou a sentir a necessidade de se comunicar para públicos cada vez maiores. Essa necessidade está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento das tecnologias e do comportamento da sociedade. O papel do jornalista também se tornou uma necessidade no momento em que se criou a noção de que era preciso uma figura que fosse capaz de captar, disseminar e muitas vezes, traduzir as informações que surgiam.

Enquanto a modernidade econômica engendrou o empreendedor burguês - personagem mítico cujo o desenvolvimento pleno ocorreu principalmente

no século 18 - e a modernidade política assistiu à vitória das democracias republicanas e seus múltiplos políticos disputando cadeiras nos parlamentos, a modernidade dos direitos sociais e humanos viu nascer no seu seio a figura do jornalista. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 9).

A história do jornalismo está intimamente ligada à Revolução Francesa, pois esta foi a “revolução símbolo” da destituição da aristocracia, do fim das monarquias e de todo o sistema absolutista herdado da Idade Média, assim como da afirmação do espírito burguês. (MARCONDES FILHO, 2000). Para o autor, este também foi um momento crucial no jornalismo, pois acontece a quebra da autonomia da igreja sobre o conhecimento, ou seja, sobre livros, pesquisas e documentos, que antes ficavam a disposição apenas da instituição religiosa.

O jornalismo passou por muitas mudanças em seus processos de produção e na sua própria forma de ser. Aos poucos, ramificações suas foram criadas (como o jornalismo literário, esportivo, ambiental e o jornalismo cultural), estas outras denominações surgiram de forma que fosse capaz de organizar e dinamizar as notícias jornalísticas.

O jornalismo cultural é aquele tipo que fala propriamente sobre música, obras de arte, teatro, entre outros. O objetivo principal deste tipo de jornalismo é divulgar informações que possuem foco em questões culturais, folclóricas e muitas vezes, históricas também. Segundo o autor Daniel Piza o jornalismo cultural não tem uma “data de seu nascimento”, porém, é no ano de 1711 que os ingleses Richard Steele e Joseph Addison criaram a *The Spectator*, uma revista diária que seria um marco na história do jornalismo cultural. Para os autores, a ideia principal da revista era “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés”. Alguns dos assuntos abordados pelo impresso eram livros, festivais de música, costumes, entre outros. O jornalismo cultural tem a capacidade de criar tendências e de segui-las também. Ele acompanha a maneira que a sociedade se comporta e assim, publica matérias de acordo com isto. Entretanto, é necessário que ocorra uma certa dosagem, afinal o jornalismo cultural deve ser capaz de criar matérias que causam reflexões em seus leitores e não apenas mostrar algo que já é conhecido pelos mesmos.

Não que não seja possível uma coabitação equilibrada e fértil, mas o jornalismo cultural sai perdendo quando os critérios passam a ser resumidos ao de afastar o leitor de abordagens que considera erroneamente “muito sérias” ou críticas”. (PIZA, 2010, p. r6).

Ou seja, o autor explica que alguns assuntos, como por exemplo moda e culinária, são conteúdos que se classificam como cultural, porém, ao se focar excessivamente apenas em temas como estes, que são mais importantes para a “indústria do entretenimento”, acaba que se ocupa lugar de outros assuntos que seriam interessantes para a população. No caso em questão, este espaço que é utilizado por notícias de interesse comum, ocupa tempo e lugar de uma discussão sobre preconceito ou representatividade do *drag*, por

exemplo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar que a arte *drag* luta dia-a-dia para obter o seu lugar de aceitação por entre as pessoas, e que os meios de comunicação como a internet, são parte importante na busca deste espaço. O programa de tv em um canal fechado chamado RuPaul's Drag Race, foi para muitas pessoas, um primeiro contato com a arte do *drag* e a partir daí, houve um facilitamento e popularização desta expressão artística. Outra questão que auxiliou na atual exposição do *drag* foi a música, artistas já citadas neste trabalho como a Pablo Vittar e Glória Groove são referências como cantoras *drags*.

Entretanto, o que se pode afirmar é que o drag, apesar de sua visibilidade, ainda não é tão bem representado em outros meios de comunicação e principalmente no jornalismo, algo que deve ser revisto para acompanhar as mudanças em nosso tempo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Nazareth Alvim. **As deusas, as bruxas e a Igreja**. São Paulo: Saraiva, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BIONDO, Fabiana Poças; ALBANESE, Bruno Cuter. **Glamazon, Sissy That Walk: Performances de Drag Queen** dicionarizadas. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/MfTTRA>. Acesso em: 28/09/2017.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Disponível em: <https://goo.gl/gMzBbW>. Acesso em: 29/09/2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CRETAZ, Livia. **Cultura homossexual: principais movimentos e representações nas telenovelas**. ESPM, SP: 2014. Disponível em: <https://goo.gl/HhMMtD>. Acesso em: 26/09/2017.

CRUZ, Felipe Branco. **Documentário aborda preconceito contra mulheres drag queens em São Paulo**. São Paulo, 24/04/2017. Site UOL. Disponível em: <https://goo.gl/s3Vxbv>. Acesso em: 25/09/2017.

FOUCAULT, Michel. **História Da Sexualidade: A Vontade De Saber**. 13ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. 149 p. Disponível em: <https://goo.gl/VQL7xd>. Acesso em: 29/09/2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4 ed. LTC, 1981. Disponível em: <https://goo.gl/G4WeNh>. Acesso em: 29/09/2017.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: ed. Perspectiva, 1999.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, Transformistas, Drag-Queens, Transexuais: Pensando A Construção De Gêneros E Identidades Na Sociedade Contemporânea.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG: 2002. Disponível em: <https://goo.gl/fGCV97>. Acesso em: 19/09/2017.

JUNIOR, JACÍDIO. **Clipe de “Sua Cara” bate recorde de visualizações no YouTube em 24 horas.** 02/08/2017. Site UOL. Disponível em: <https://goo.gl/fb6F7J>. Acesso em: 28/09/2017.

LANZ, Letícia. **O Corpo Da Roupa: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** 334 p. Universidade Federal Do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/UUzwNq>. Acesso em: 28/09/2017.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. **A Grande Mídia Brasileira E Identidades Lgbt: Um retrato em 2008.** Disponível em: <https://goo.gl/skMB8F>. Acesso em: 28/09/2017.

LOPES, Fábio Henrique. **Travestilidades e ditadura civil-militar brasileira: Apontamentos de uma pesquisa.** Revista Esboços, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 145-167, set. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/DVZUht>. Acesso em: 25/09/2017.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação E Jornalismo: A saga dos Cães perdidos.** São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MONTEIRO, Maria Helena; SOARES, Thiago. **“You Must Be My Lucky Star”:** A Relevância da cantora Madonna na Gestão de Carreiras da Música Pop. 15 p. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB: 2013. Disponível em: <https://goo.gl/nK5o5N>. Acesso em: 19/09/2017.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS, Andressa; GASPARETO, Ana Clara; REIS, Jeniffer; PAES, Marcela Freitas; CORDEIRO, Natália; FERREZINI, Vitor; GARCIA, Wanderley Florêncio. **Identidade Drag: a representação jornalística de minorias em uma plataforma multimidiática.** 15 p. Universidade Metodista de Piracicaba, SP: 2017. Disponível em: <https://goo.gl/BK93Wo>. Acesso em: 20/09/2017.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013.** Brasília. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/kSCKR8>. Acesso em: 28/09/2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

análise de conteúdo 26, 37, 221, 228, 268

Análise de Conteúdo 242

Art-College Berlin-Weissense 88

C

Câncer de Mama 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99

Ciberativismo 26, 50

Comunicação Política 30, 32, 221

Conselho Tutelar 202, 210, 213, 214, 215, 219

Constituição Federal 4, 102, 203, 221, 222, 300, 303, 305

Crise Econômica 141, 145, 154, 308, 310, 313, 316

D

Discurso Publicitário 308, 312, 314, 319

Ditadura Civil-Militar 25, 111, 112, 114, 115, 118, 120, 122, 123

E

Educomunicação 75, 76, 78, 81, 83, 84

Estética 16, 43, 95, 98, 110, 111, 112, 122, 159, 170, 174, 175, 176, 178, 191, 264, 298

F

Feminicídio 4, 7, 10, 11, 13, 40

Feminismo 15, 24, 27, 34, 39, 44, 45, 46, 48, 51, 52, 65, 66, 68, 74

Fotografia de Exaltação 286, 287, 293

Foucault 19, 20, 24, 40, 42, 43, 51, 102, 106, 107, 108, 109, 253, 254, 264, 318, 320

G

Gaudreault 112, 113, 120, 123

Gênero 3, 4, 5, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 97, 173

Grotesco 172, 174, 175, 180

Guerra Civil 157, 164, 167

Gutenberg 194, 196, 200

H

Habitus 313, 318

Historicidade 252, 253, 254

I

Imprensa 2, 5, 9, 10, 11, 12, 18, 22, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 107, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 167, 168, 169, 177, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 227, 255, 256, 283, 288, 333

Infotendimento 150, 181, 191

Intervenção Federal 221, 222, 225, 228, 234, 236, 238, 239, 240, 241

J

Jornalismo Sindical 53, 54, 55, 56, 64, 333

Jornal Nacional 221, 225, 226, 228, 229, 230, 233, 235, 238, 241

Judith Butler 15, 44

K

Katharina Mouratidi 85, 86, 87, 88, 91, 92, 94, 96, 100

L

LGBT 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 211

M

Marketing Territorial 140

Martín-Barbero 75, 76, 77, 84, 191, 193, 255, 264

Mídias Digitais 40, 41, 46, 47, 81

MTST 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Muniz Sodré 81, 172, 190, 224

N

Narrativa 93, 111, 112, 114, 118, 122, 123, 160, 171, 173, 182, 185, 186, 189, 190, 192, 228, 291, 292, 317

Neuromarketing 244, 245, 246, 247, 250, 251

Noticiabilidade 6, 170, 177, 182

Novos Movimentos Sociais 124, 126, 206

P

Performance 17, 18, 91, 92, 98, 100

Pesquisa Exploratória 34

Políticas Públicas 4, 12, 13, 38, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 144, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 223, 281, 304

Prensa 189, 194, 195, 197, 198, 199, 201, 294

Protestantismo 200

Psicologia Ambiental 295, 296, 297, 299, 304, 305, 307

R

Rádio 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 84, 161, 173, 184, 257

Redes Sociais 26, 30, 32, 33, 39, 41, 46, 49, 50, 77, 148, 167, 180

Representações Midiáticas 252

S

Subproletariado 131

V

Valor Notícia 170, 171, 174, 177

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 